

GENÊSE E DESENVOLVIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM OLÍMPIA – SP

João Victor Moré Ramos¹

Resumo

No último quinquênio da década de 2010, a cidade de Olímpia (SP) passou a despertar maior interesse no mundo acadêmico, muito por conta das rápidas transformações em curso levadas a cabo pelo setor do turismo. Afloram nas pesquisas diversas temáticas que procuram decifrar a realidade atual de uma cidade que até no início dos anos 2000 encontrava-se em estado de decadência e estagnação, e passou a ocupar a 2ª posição no ranking de desenvolvimento socioeconômico do Estado de São Paulo bem como a 5ª maior rede de hotelaria do Brasil. Nesse sentido, como forma de introduzir o debate sobre o desenvolvimento do capitalismo no oeste paulista, e sobretudo na formação social de Olímpia, este trabalho procurou decifrar, a partir das combinações geográficas de André Cholley (1964) e da dualidade básica de Ignacio Rangel os elementos centrais da origem e do desenvolvimento que culminaram com as recentes transformações das relações do espaço rural-urbano, e da questão regional do noroeste paulista.

Palavras-chave: Industrialização no Oeste Paulista; Estancia Turística de Olímpia; Dualidade básica

Genesis and Development of industrialization in Olímpia - SP

Abstract

In the last five years of the 2010s, the city of Olímpia (SP) began to arouse greater interest in the academic world, largely due to the rapid transformations underway in the tourism sector. Several themes emerge in the research that seek to decipher the current reality of a city that until the early 2000s was in a state of decadence and stagnation, and came to occupy 2nd position in the socioeconomic development ranking of the State of São Paulo, as well as the 5th largest hotel chain in Brazil. In this sense, as a way of introducing the debate on the development of capitalism in the west of São Paulo, and especially in the social formation of

¹ Prof. Dr. em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Instituto Ignacio Rangel (IIR). Florianópolis. Brasil. E-mail: jaumbgood@gmail.com

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Olímpia, this work sought to decipher, based on the geographical combinations of André Cholley (1964) and the basic duality of Ignacio Rangel, the central elements of the origin and development that culminated in the recent transformations in rural-urban relations, and in the regional issue of the northwest of São Paulo.

Keywords: Industrialization in West of São Paulo; Olímpia Tourist Resort; Basic Duality

1 Introdução

No último quinquênio da década de 2010, a cidade de Olímpia passou a despertar maior interesse nas pesquisas acadêmicas, muito por conta das rápidas e profundas transformações em curso que estão sendo levadas a cabo pelo desenvolvimento da geografia do turismo. Afloram nas pesquisas temas como planejamento, desenvolvimento econômico “sustentável”, tecnologias “limpas”, inovações, dinâmica regional, entre outros, que procuram decifrar a realidade atual, de uma cidade que até no início dos anos 2000 encontrava-se em estado de decadência e estagnação, e passou a ocupar 2ª posição no ranking de desenvolvimento sócio-econômico – (emprego e renda, educação e saúde) realizado pela FIRJAN (2016)², a 2ª cidade do Estado de São Paulo com oferta de 75.000 leitos de hospedagem, a 5ª “maior rede” de hotelaria do País, - só atrás de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Seguro e Salvador - além de ser contemplada como o 1º Distrito Turístico do Brasil.

Todavia, as recentes pesquisas revelam certas deficiências em compreender o que levou o município de Olímpia ao recente desenvolvimento dos indicadores sociais e econômicos induzidos pela cadeia produtiva do turismo.

² Informações disponíveis em <https://exame.com/brasil/as-100-cidades-mais-desenvolvidas-do-brasil-segundo-a-firjan/> Acesso 19/06/2024.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Nesse sentido, como forma de introduzir o debate sobre o desenvolvimento do capitalismo no oeste paulista a partir do caso de Olímpia, isto é, a partir de uma “cidade de fazendeiros” que conheceu sua pujança movida pelas riquezas no café na década de 1920 participando timidamente no ciclo de substituição de importações (1930-1980) e, que, passado as crises promovidas pelas políticas neoliberais das décadas de 1980 e 1990, reencontrou seu caminho de forma lenta, gradual e segura pela confluência entre o papel do Estado e da iniciativa privada, procurar-se-á aqui, neste artigo, encaminhar algumas notas introdutórias que possam contribuir com a temática contemporânea que diz respeito a geografia econômica, e a temática do turismo.

É que para nós, as recentes transformações em curso na cidade de Olímpia movidas pelo turismo ainda se encontram em estado latente para uma análise crítica mais cautelosa, isto é, atribuída de rigor aos fatos. As pesquisas, a saber, sobre o fluxo de pessoas que estão a visitar anualmente o município por conta dos atrativos turísticos, apresentam oscilações que precisam ser bem mais meditadas antes de elaborar qualquer tipo de síntese propositiva. Desse modo, como proposta de uma agenda de pesquisas ulterior, será preciso decifrar quais as possibilidades do setor turístico manter na cidade de Olímpia o ritmo de crescimento sustentado, e quais as ações de planejamento econômico serão capazes de ser edificadas para a manutenção desse ritmo de crescimento.

Para tanto, o artigo está dividido em duas seções, onde 1) na primeira parte se procura contribuir com o debate acerca das pesquisas já realizadas sobre o processo de desenvolvimento do capitalismo no Oeste paulista, assinalando aqui o papel fundamental da pequena produção mercantil na gênese e evolução da

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

industrialização paulista e, num segundo momento, 2) introduzir a particularidade do desenvolvimento olimpiense no interior da formação social regional e nacional e sua recente inserção na economia nacional com sua diversificação produtiva ancorada em setores do agronegócio, da indústria e do turismo.

2 O Desenvolvimento capitalista nos baixos chapadões do Oeste Paulista

Já é fato consumado nas recentes pesquisas sobre o processo de industrialização do Oeste Paulista (Fresca, 1990; Mourão, 2002; Sampaio, 2003; Gomes, 2007; Emerique, 2014; Silva, 2015) a importância da pequena produção mercantil (capitais locais) na gênese e evolução das indústrias das chamadas frentes pioneiras do início do século XX assinaladas por P. Deffontaines (1945, p.25) como sertão de terras “desconhecidas habitadas por índios”.

A rigor, é possível dizer que todas essas pesquisas confirmaram, via de regra, a hipótese da pequena exploração rural inaugurada por geógrafos como P. Monbeig (1984, p.347) ainda na primeira metade do século XX, e levada às últimas consequências por Mamigonian³ sobre o papel dos pequenos proprietários imigrantes “cada vez mais numerosos” e enriquecidos, que “provocaram um

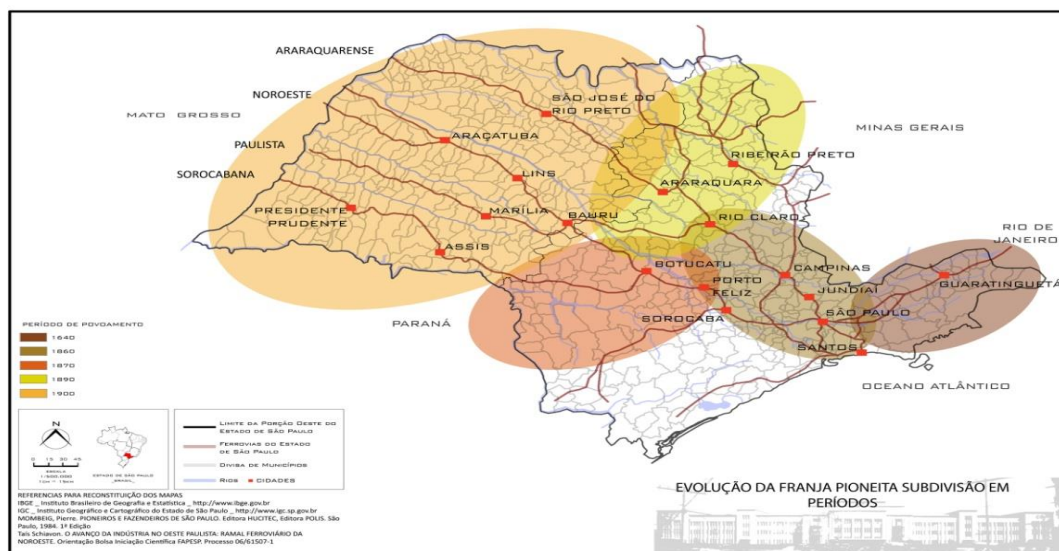
³ Há mais de 60 anos desenvolvendo pesquisas sobre o processo de industrialização no Brasil, o geógrafo Armen Mamigonian (1976) procurou decifrar o papel da pequena produção mercantil como fator fundamental do desenvolvimento do capitalismo no país a partir do método geográfico de combinações complexas de André Cholley (1964). Com seus pioneiros estudos sobre a indústria no Brasil Meridional assinaladas por Castro (1985), percebeu que a acumulação primitiva que se multiplicou por todas essas áreas se assemelhava pelas condições do self made man trazidas pelos imigrantes, que na maioria dos casos, se apresentavam como “capitalistas sem capital”, conseguindo se inserir por etapas no mercado local, regional e posteriormente nacional. Mas nem por isso, não deixou de constatar, em um profundo exercício dialético, que nem toda a indústria nascia do artesanato, como também nem todo artesanato se transformara em indústria.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

desenvolvimento da função comercial e industrial, tanto das capitais regionais, quanto dos novos patrimônios” em diversas áreas do vasto oeste paulista que, somadas a ampla rede ferroviária (Figura 1) construída com capital dos antigos fazendeiros associados ao capitalismo industrial inglês, promoveu o rápido desenvolvimento de uma extensa e complexa rede urbana, - sendo que hoje algumas dessas capitais regionais se apresentam como verdadeiras metrópoles de equilíbrio (Rochefort, 2008).

Figura 1 - Avanço das companhias ferroviárias no Estado de São Paulo



Fonte: (Schiavon, 2015).

Nesse sentido, como forma de introduzir uma prévia aproximação com a área em que iremos abordar especificamente a partir da tese da dualidade básica brasileira elaborada por I. Rangel (1981), parte-se aqui dos período de povoamento de 1900 (cor laranja) inseridas na Figura 1 cujas pesquisas já assinaladas, parecem indicar certa homogeneidade no que diz

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

respeito ao Oeste paulista, embora seria mais justo, como forma de qualificar a questão regional, partir das observações edafoclimáticas consagradas pela geomorfologia do conjunto de planaltos inseridos no “Planalto Meridional” brasileiro onde só no Estado de São Paulo este tipo de relevo subtropical corresponde sozinho por 84,64% do território (Monteiro, 1963) sendo os baixos chapadões areníticos do Oeste Paulista (círculo em cor laranja na Figura 1), um “dos mais notáveis compartimentos rebaixados do conjunto geral dos planaltos do Brasil Meridional” (Ab’Saber, 1969, p.2).

Ora, conforme assinalou Ab’Saber (1953, p.32), foi justamente aí, nos baixos chapadões do planalto ocidental que se constituiu a primeira riqueza paulista, pois as matas, além de criarem “as maiores e mais extensas manchas de solos florestais uteis do país”, passaram a ser consideradas “um prefácio para a vida econômica de nossas zonas pioneiras, constituindo as fontes de energia iniciais e o primeiro material de construção das edificações urbanas e rurais”. Além disso, vale lembrar que os “patamares internos e deprimidos do planalto” ocidental propiciaram a formação de “vias de passagem naturais” pelas alongadas “plataformas interfluviais”, criando um tipo original de penetração e ocupação dos solos caracterizado como “povoamento de espigão”, que só foi possível pela combinação de “fatores morfológicos, pedológicos e climáticos”.

Em outras palavras, ainda segundo Ab’Saber (1953, p.33)

enquanto o médio vale do Paraíba e a depressão periférica paulista facilitaram a penetração, a extensão do povoamento e o estabelecimento de caminhos e aglomerações urbanas, assim como pagaram seu tributo ponderável ao ciclo do café, foi aos chapadões ocidentais que ficou reservada a tarefa histórica de fixar o povoamento rural e urbano, engendrar e multiplicar riquezas agrárias e garantir a economia moderna do Estado. Colocada em situação geográfica estratégica, a cidade de São Paulo manteve o controle de todas as rotas de ligações terrestres da hinterlândia, aproveitando-se do desenvolvimento conjunto dessas regiões, de aptidões e destinos geoeconômicos tão diferentes. Evidente, portanto, a posição do relevo na fixação dos quadros das comunicações terrestres tradicionais de São Paulo e no esquema fisiográfico que nos explica as bases essenciais da riqueza paulista.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Com efeito, é a partir das condições dessa primeira riqueza “natural” dos baixos chapadões do planalto ocidental paulista que o imigrante irá atuar como verdadeiro sentinela no avanço “da marcha para o oeste” no final do século XIX e início do século XX, diferenciando-se, sobretudo dos “caboclos das glebas” de origem mineira, - os “últimos representantes da velha economia rural e do antigo povoamento do sertão” (Monbeig, 1953, p.458). É como diz Waibel (1955, p.391) sobre o processo de formação das zonas pioneiras, ao afirmar que “nem o extrativista e o caçador, nem o criador de gado, podem ser considerados como pioneiros”, pois não foram capazes “de transformar a mata virgem numa paisagem cultural e de alimentar um grande número de pessoas numa área pequena”.

Um segundo fator que merece ser levado em conta com parte dessa primeira combinação geográfica que se expressa nessa grande área destacada, é o papel da formação de uma nova estrutura agrária que gradativamente irá substituir as grandes propriedades na medida em que os colonos-imigrantes partem para o processo de acumulação primitiva no interior das fazendas conforme assinalado por T. Holloway (1984).

Müller (1951, p.44) chama atenção para alguns municípios formados por essas frentes pioneiras do café e do algodão que, se de um lado propiciaram uma intensa atividade artesanal-mercantil durante a primeira metade do século XX, em algumas áreas deram origem precocemente a uma reforma agrária espontânea, com o parcelamento dos lotes em sítios, como foi o caso de São José do Rio Preto, onde ocorreu a “maior subdivisão” das propriedades rurais cujas maiores propriedades não passavam de “40 alqueires”.

Ora, é verdade que em cada “região” dessa grande área destacada na Figura 1, o processo de passagem de uma economia de base agrícola para uma de base urbano-industrial teve suas peculiaridades, bem como seus ritmos de desenvolvimento, já que o fator da especulação fundiária pelas grandes companhias de colonização atreladas as companhias de estradas de ferro – a maioria de capitais estrangeiros – na promoção de loteamentos irá ganhar maior intensidade em determinadas localizações como bem destacou Fresca (1990)

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

no estudos de caso de Inúbia Paulista e Osvaldo Cruz na Alta Paulista – centralizado pela rede urbana de Marília.

Aliás, Marília, que já nos anos 1940 despontava como um centro industrial de destaque, - se comparado com Araçatuba, Presidente Prudente e São José do Rio Preto – foi beneficiada por uma precoce diversificação produtiva (policultura) que, após a crise de 1929 foi prontamente derivada ao cultivo de algodão, dirigida em grande parte pelos pequenos proprietários japoneses, que logo transformaram o município no maior produtor de algodão do Estado de São Paulo, - participando assim, do primeiro ciclo juglariano voltado para o abastecimento de algodão para as indústrias têxteis (Mourão, 2002).

Já Araçatuba, devido à concentração de terras e expansão das pastagens para criação de gado por grandes pecuaristas de origem local, será favorecida pelo Plano de Metas na década de 1950, - ao dar origem a uma nova etapa do processo de substituição de importações - com o financiamento de instalação de frigoríficos e laticínios, como foi o caso da fundação do frigorífico Tião Maia (Gomes, 2007).

Todavia, outro aspecto que merece ser destacado brevemente aqui é o papel da modernização da agricultura brasileira nos anos 1970, ampliada pela intervenção do Estado, que soube induzir, através do planejamento regional e da programação econômica, a subsequente “etapa” do processo de industrialização substitutiva de importações com a promoção das encomendas para a construção de usinas no interior de São Paulo ativando o parque metalomecânico conforme assinalou Emerique (2014) a partir das empresas de Piracicaba (grupo Dedini-Ometto).

Vale lembrar que com a implantação do II Plano Nacional de Desenvolvimento (G. Geisel) como medida para contornar a crise energética promovida pelos choques do petróleo (1973/1979), as áreas do Oeste paulista de São José do Rio Preto, Araçatuba e Presidente Prudente, foram beneficiadas pelo Programa Nacional do Álcool (Proálcool-1975) como espaço privilegiado de expansão da demanda por produção de combustível. Novas

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

destilarias foram implantadas pelos pecuaristas nessa área (Aralco, Alcomira, Univalem, Campestre, Benalcool, Unialcool, Generalcool, Destivale, Alcoolazul, Cruzalcool) sob o binômio boi-cana, com 100% de financiamento via Sistema Nacional de Crédito Rural à juros negativos subsidiados pelo governo federal (BINI, 2009). Ainda aqui, segundo Gomes (2007, p.37), essas medidas contribuíram para estimular na região de São José do Preto “o surgimento de indústrias de processamento de suco concentrado, como a Cargill Citrus Ltda (Uchoa), a Citrovale (Olímpia), e a Bascitrus Agroindustrial S.A. (Mirassol)”.

De todo modo, não caberia aqui elencar uma multiplicidade de exemplos de pequenos produtores de origem familiar, que levaram a cabo o processo de industrialização dos diversos municípios para atender o consumo local, já abordados pelas pesquisas assinaladas, competindo ativamente ao longo do processo de substituição de importações (1920-1970) com as grandes empresas estrangeiras, – como Anderson Clayton e SANBRA - e nacionais (Reunidas Matarazzo), na drenagem da riqueza gerada pelo espaço agrário do oeste paulista, sobretudo no beneficiamento e na produção agroindustrial (café, algodão e amendoim).

Na verdade, a cada “volta do parafuso” da passagem de um ciclo juglariano a outro, cada município e “região” reagiram de acordo com suas potencialidades endógenas, ampliando fábricas e atraindo plantas de outras localidades conforme aponta os estudos, mas que, com o processo de desnacionalização da indústria brasileira iniciado nos anos 1980, grande parte dessas empresas de origem familiar acabou passando por forte processo de reestruturação e especialização, onde algumas empresas encerram suas atividades ou foram vendidas ao mesmo tempo em que surgiram novas empresas de acordo com as oportunidades de inversão .

Em resumo, poder-se-ia afirmar com Gomes (2007) que: 1) a indústria do Oeste paulista “nasceu caipira e está mais ligada aos fatores endógenos do que exógenos”, mas que, em todo caso, a presença do capital externo, se fez presente na “implantação de

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

maquinas de beneficiamento de produtos agrícolas (café, algodão, amendoim)” nas primeiras etapas do ciclo médio, como também tem tido grande atuação no final do período de substituição de importações aos nossos dias atuais; 2) que o desenvolvimento industrial dessa “região” dos baixos chapadões do planalto ocidental paulista não “está associado ao processo de desconcentração industrial” da metrópole paulista iniciado nos anos 1970 pelos variados planos do governo estadual, mas sim pelo desenvolvimento do capital local que fez com que a participação da indústria do Interior passasse de 14,7% em 1970 para 20,2 % em 1980, enquanto que a metrópole perdia suas posições, passando de 43,4% para 34,2% no mesmo período; e que por fim; 3) mesmo que “o setor industrial” dessa região não “seja tão significativo do ponto de vista de números de estabelecimentos, de pessoal ocupado e de valor adicionado”, muitas das empresas que atuam por aqui possuem inserção internacional, com exportações direcionadas para países europeus, asiáticos, entre outros.

De todo modo, não é nossa intenção aqui de aprofundar as áreas estudadas por Fresca (1990), Mourão (2002), Gomes (2007) entre outros, mas sim, apresentar um quadro geral da gênese e evolução do Oeste Paulista no processo de industrialização brasileiro. Pelo o que foi dito, é evidente o papel da pequena produção mercantil na transição de uma economia de base agrário-exportadora para um tipo de sociedade urbano-industrial. E que, ademais, a dinâmica desses empresários agrícolas e industriais de origem imigrante fez com que essa região dos baixos chapadões conseguisse reagir as crises cíclicas do processo de substituição de importações, como também da crise que se arrasta desde os anos 1980, promovendo desnacionalizações na economia. Ao que tudo indica, esse processo no Oeste paulista se apresentou de modo mais equilibrado, por conta de uma ampla diversificação produtiva dos setores industriais em ramos tradicionais com baixa intensidade tecnológica.

Para tanto, como forma de contribuir com a extensão do debate sobre as vias de transição no oeste paulista, procuraremos analisar a seguir, a partir do estudo de caso do município de Olímpia como se deu o processo de industrialização numa área que foi

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

considerada como região do colonato (Boechat, 2009) e, que, passou de um surto de prosperidade na década de 1920, com as riquezas do café, e logo foi estrangulada pelos três centros muito próximos que desempenhavam o papel de pequenos núcleos abastecedores das áreas vizinhas: São José do Rio Preto, Bebedouro e Barretos” (Goulart, 1951, p.25).

Por outro lado, nesse início do século XXI, a cidade de Olímpia conseguiu reencontrar o caminho do desenvolvimento econômico ao ser promovida, em meados de 2015, a categoria de estância turística do Estado de São Paulo, mobilizando capitais locais, regionais, nacionais e internacionais, que, em certa medida, estão promovendo, - ao lado das políticas municipalistas, estaduais e federais - profundas transformações na estrutura urbano-regional.

3 A dualidade básica brasileira sob o ponto de vista olimpiense

Como se sabe, a “marcha ao oeste”, isto é, ao “novo” oeste paulista – ou zona dos baixos chapadões do planalto ocidental – ocorreu nos intermédios da primeira para a segunda dualidade brasileira, quando os comerciantes de import/export assumiram, como sócio-maior, o pacto de poder do Estado Nacional (Abolição/República) ao lado dos “coronéis”, estes “latifundiário-comerciantes, representantes do polo interno, ou sócio-menor” (Rangel, 1981, p.25).

De acordo com os estudos de Monbeig (1984), nesse período de transição houve uma leva de mineiros atraídos para essa zona em busca de terras para a criação de gado, - herança da economia natural das fazendas mineiras – pois com a criação da Lei Eusébio de Queiroz (1850), o feudalismo passava a escravizar a terra e, conseqüentemente, diminuía o prestígio social dos vassalos-senhores de escravos, - muito por conta do interesse pelos títulos de posse como possibilidade de mobilidade social.

Olímpia não foge à regra, atraindo do sul de Minas Gerais, o desbravador Antônio Joaquim dos Santos, que toma partido das terras em 1857, atraindo outras famílias de

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

fazendeiros criadores de gado ao longo da segunda metade do século XIX, como as de Manoel Alves de Lima (São Joaquim (MG) – 1869); José Bento Miranda, (Araraquara (SP) – 1880) fundador do primeiro engenho; Joaquim Antônio Braz (São José dos Campos (SP) – 1893) que montou a primeira ferraria do arraial e trouxe o primeiro arame farpado para Olímpia; Miguel Soares de Medeiros (1889) de origem portuguesa (Ilha de Madeira) e Clemêncio Souza e Silva (Sertãozinho (SP) – 1895) (Marangoni, 2001).

Essas famílias tradicionais de pioneiros, logo que se apossaram de grandes extensões de terra ainda na segunda metade do século XIX, tiveram parte das terras doadas para edificação do Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água em 1904, - sob tutela do bispado do município de São Carlos - passando posteriormente a condição de vila em 1906, na medida em que Barretos exerceu grande influência política na formação desse núcleo urbano – ao ser elevada à condição de Município (1885) assumindo os domínios do “sertão de Jaboticabal”.

Mas adiante, a elite de Barretos sob a direção do promotor de Justiça Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, chefe do Partido Republicano Paulista (PRP) e, intimamente associado as figuras representantes do capitalismo industrial inglês, isto é, os engenheiros fazendeiros Robert John Reid e Wilian Leaterbarrow, promoveram a criação do núcleo urbano que logo levaria a emancipação de Olímpia em 1917 (Marangoni, 2001).

Na década de 1910, Olímpia já possuía algumas funções comerciais com a instalação da primeira fábrica de beneficiamento de arroz pelo Capitão Narciso Bertolino, a ferraria de Julião Plaza, o açougue de Antônio Bispo, bem com a serraria de João Batista Casteli. Com a chegada de colonos espanhóis, portugueses, russos, japoneses e italianos, houve uma multiplicação de atividades artesanais-urbanas, em diversos setores como a indústria de metalurgia de André Degasper (1918), o pastifício de Julio Ferranti (1917), a fábrica de Cerveja Luchesi por Aladino Fabri (1913), entre muitos armazéns de secos e molhados (Marangoni, 2001).

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Nesse período que se estende até a Revolução de 1930, Olímpia conhece seu auge de desenvolvimento tanto nas fazendas de café, com ex-colonos italianos enriquecidos (vindo da região de Ribeirão Preto e Sertãozinho) que logo passaram de pequenos sitiantes a grandes fazendeiros, comerciantes e industriais, como foi o caso de Geremias Lunardelli (conhecido como rei do café), quanto na diversificação de algumas atividades comerciais, como David Oliveira, português natural de Tocha, que por muitos anos “foi concessionário da Massey Ferguson e implementos agrícolas”, além de possuir grandes armazéns, com máquinas de beneficiamento de café e arroz”. Vale lembrar de Pedro Ricciardi, italiano de Arezo, que foi “acionista das Cias. Bandeirantes de Armazéns Gerais e Bandeirantes Comerciais/S.A” (Marangoni, 2001, p.79-80).

Com a crise de 1929 e a homologação da 3ª Dualidade pela Revolução de 1930, os fazendeiros de café em Olímpia foram obrigados a diversificar sua produção, - muito próximo de como ocorreu em outros municípios do interior descritos por Mourão (2002), Gomes (2007), entre outros – substituindo paulatinamente o café pela cultura do algodão, fato este que permitiu a atração de empresas como a Anderson Clayton Ltda e a SANBRA S.A. interessadas nos 5.000 alqueires de terra plantados no município (Marangoni, 2001).

Mas é bom lembrar também, que antes da quebra da bolsa de Nova York, havia outros fatores que contribuíram ulteriormente para o estrangulamento de Olímpia. Nesse período, São José do Rio Preto já se apresentava como boca do sertão da ferrovia araraquarense (1912) mobilizando grandes excedentes migratórios das fazendas, enquanto que o trecho da estrada de Ferro São Paulo-Goyaz só chegaria a Olímpia por volta do ano de 1915, sendo que muitos dos ramais haviam sido construídos para escoar a produção das grandes fazendas de café. Além disso, na medida em que São José do Rio Preto passou a atuar como centro de atração de pequenos produtores, comerciantes, artesões, etc., grande parte dos fazendeiros banqueiros de Olímpia transferiram seus bancos para esse centro, em

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

busca de melhores oportunidades, já que parte dos fazendeiros de café haviam contraído gigantescas dívidas (Mori, 1925).

Com efeito, durante o segundo quartel do século XX, as iniciativas urbano-industriais artesanais tiveram pouco desenvolvimento, passando a predominar nas funções urbanas muitas atividades comerciais conforme assinalou Goulart (1951). E é daí, do capital comercial olimpiense, que décadas depois iríamos assistir o projeto idealizado pelo industrial Benito Benatti ao dar origem ao pioneiro clube de águas quentes, o Thermas dos Laranjais, no ano de 1987.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a história desse empresário olimpiense corrobora a tese da dualidade básica, sobretudo no que diz respeito ao dinamismo e agressividade da nascente burguesia industrial paulista (sócio-menor) que soube virtuosamente se reinventar durante as etapas dos ciclos juglarianos, e mesmo diante da crise contrarrevolucionária dos anos 1990, encontrar, com criatividade e nacionalismo, alternativas para o desenvolvimento econômico durante esse início do século XXI.

Segundo Ribeiro (2012), Benito Benatti chegou a Olímpia por volta do ano de 1949, com 17 anos de idade, após ter servido a Marinha na cidade de Florianópolis. Filho de italianos abastados da cidade de Turim, - seu pai foi agricultor, e sua mãe farmacêutica - Benatti nasceu em uma fazenda do interior paulista, no município de Votuporanga, que em pouco tempo, por conta da má administração, foi obrigado a ter que seguir viagem e recomeçar a vida do zero.

Em 1954, fundou a Auto Elétrica Heliar, a sua primeira loja comercial e oficina de conserto atuando “no enrolamento de motores, recarregadores de baterias e consertos de matérias elétricos” para automóveis (Marangoni, 2003, p.232). A partir do relato de sua esposa Eudirce (Ribeiro, 2012, p.60), é possível perceber a rápida evolução dos seus negócios ao ponto de fundar em 1964, junto de Álvaro Brito e Antônio Mansur, a indústria Eletro Metarlúgica Ciafundi:

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

“ele montou uma oficina de bateria com um sócio que chamava Doca. Tinha duas ou três baterias, depois foi aumentando. Acabamos casando em 1953, aí não era mais sócio do Doca, ele comprou o prédio e montou outra casa grande na Rua 9 de Julho, esquina com a General Osório e como tinha acumulador ele reformava as baterias e no fundo do quintal ele fazia terminais de bateria. Eu ficava segurando o pendente debaixo de uma lona, rezando e ele fazendo no chão as matrizes e deu certo. Ele também montou uma casa de pneu na General Osório, que depois vendeu. Ele montou oficina de acumulador em Severínia, em Guaraci, aí montou a indústria, ficou grande e ele foi dando para os funcionários. O Gudu foi funcionário dele muitos anos e ele passou a oficina pro Gudu. Em Bebedouro ele tinha uma oficina e passou pro Zé Roberto. Daí ele foi se desfazendo do que tinha e ficou só com a indústria. Devagarzinho montou a indústria, que é a Ciafundi, ali onde era do Marreta, num barracão onde hoje é a padaria Bruniera (Rua São João). Ali ele tinha acho que doze empregados. O seu Álvaro Britto chegou lá, gostou e falou pra ele que queria ser sócio. O Benito falou comigo e eu disse você que sabe, você que resolve, eu não posso resolver nada, porque eu não entendo nada de indústria. O seu Álvaro tinha lá no fundo da casa dele um galinheiro. Eles reformaram, fizeram a Ciafundi, depois fizeram a Incesa, depois a Ciafundi II, mas isso foi de longa data, eles foram trabalhando, trabalhando e o que ele tem não veio de herança de ninguém...”

Todavia, diante dessa rápida expansão dos seus negócios no setor de matérias elétricos, é preciso considerar aqui o papel desempenhado por Álvaro Brito, influente político olimpiense, que havia sido vereador em 1952 e prefeito entre os anos de 1956 a 1959. Formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, o araraquarense Álvaro Brito chegou a Olímpia por volta de 1933 para trabalhar no escritório de Natal Breda, adquirindo matrimônio com sua filha Zenaide Breda, da qual herdou grande parte do patrimônio do pai (Marangoni, 2002).

Disso resultou a união do capital político local às iniciativas industriais advindas do capital comercial, que deram sequência ao processo de industrialização local ao longo da terceira dualidade. É verdade, que para se concretizar esse processo, as medidas institucionais criadas a “cada volta do parafuso” do ciclo juglariano brasileiro foram de grande importância. Tanto o Plano de Metas, como o Programa de Ação Econômica do

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Governo (PAEG) e os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND) atuaram ativamente na condução das propostas de financiamentos da indústria nacional, como foi o caso do FINAME nos anos 1960.

A CIAFUNDI aproveitou de inúmeros incentivos estatais nesse período em diante, dividindo-se em dois segmentos produtivos: a parte elétrica, na fabricação de condutores, e a parte metalúrgica, com a fundição de metais, além do que criava suas “próprias máquinas para a produção de peças” (Marangoni, 2003, p.232). Em outras palavras, é possível dizer que a empresa, praticou o mesmo processo de interiorização das oficinas “artesaniais” na produção de bens de capital, fato que ajuda a desmistificar as teses de Tavares (1986) e Mello (1986) a respeito do processo de irrupção do Departamento I da economia, isto é, que este Departamento não existia no Brasil.

Vale lembrar também que nesse período de intensificação da substituição industrial de importações nos setores da indústria pesada, a indústria do interior paulista, como é o caso da olimpiense acabou se beneficiando pelas distâncias do polo gravitacional da capital, por retomar investimentos em setores de baixa intensidade tecnológica. Surgiram daí empresas, como a “Indústria extrativa de óleos vegetais Ricciardi” (1963), com capitais oriundos de imigrantes fazendeiros de café, que produziam óleo e torta de mamona e amendoim inicialmente para o mercado paulista, chegando a exportar anos depois para Alemanha Ocidental e Londres, mas que logo foram “engolidos” pela cultura da laranja, encerrando as atividades; a Confecções Lodi (1960) que funcionou até 1975 no mercado de confecções com mais de 50 trabalhadores, mas que acabou sendo comprada pelas Confecções Caron de São Paulo (Marangoni, 2003).

Não obstante algumas iniciativas industriais, agrícolas e comerciais, Olímpia, durante a década de 1980 e 1990 não desfrutou de transformações econômico-sociais de grande envergadura no tecido urbano, muito por conta da “mentalidade” corporativista presente em alguns grupos dominantes de políticos e empresários que bloquearam muitas

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

das tentativas de atração de capitais exógenos, com argumentos de que a instalação de grandes empresas poderia elevar os salários da classe trabalhadora local.

Uma das possíveis explicações pode ser encontrada nos pactos de poder locais, que após o fim dos anos 1970, os últimos governos mais próximos do capital industrial olímpense, foram substituídos por lideranças do capital comercial, bem como por funcionários liberais, sobretudo médicos, integrantes da classe média gelatinosa. Basta lembrar que Wilson Zangirolami, prefeito de 1983 a 1988, foi dono de uma das empresas comerciais mais poderosas de Olímpia, o “Bazar das Noivas”. Em sua gestão conseguiu atrair o grupo sucroalcooleiro Usina Cruz Alta de Açúcar e Álcool, direcionando o anterior desenvolvimento conseguido pelas iniciativas industriais locais, para a agricultura movida naquele momento já pela cana-de-açúcar não surtindo efeitos diretos na economia, há não ser pelos benefícios trazidos pelo ICMS (Marangoni, 2003).

Entretanto, só foi na segunda metade dos anos 2000 que o município retomaria os caminhos do desenvolvimento econômico com a ampliação do clube de águas termais Dr. Antônio Augusto Reis Neves (1984), conhecido atualmente como Thermas dos Laranjais. No entanto, para se entender a gênese do ouro azul, que hoje mobiliza “fundos e mundos” no desenvolvimento urbano-regional, é preciso regressar aos tempos dourados do nacional-desenvolvimentismo e a campanha do “Petróleo é Nosso”. Até porque, se mobilizarmos aqui o conceito de “acertar por equívoco” próprio da dinâmica do processo de industrialização brasileira, isto é, a lógica da “tentativa e erro”, foi justamente como se deu com a descoberta de águas termais em Olímpia, já que a Petrobrás, ao ser mobilizada pelo Programa de Metas (JK) em 1958 para viabilizar a exploração de petróleo no município, acabou não encontrando o mineral, deixando perfurado dois poços que seriam utilizados para outro fins pelo “visionário” industrial Benito Benatti um quartel de século depois (Ribeiro, 2012).

Em seu relato sobre a fundação do clube Thermas dos Laranjais em 1984 e, logo sua inauguração em 1987, Benito Benatti apresenta a visão de típico de um industrial nacional-

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

desenvolvimentista, que mesmo abortado seus planos de inserir-se na carreira de político profissional quando cogitou a possibilidade de se candidatar a prefeito nos anos 1980, continuou apostando em estratégias de mobilizar a sociedade civil em prol do desenvolvimento de Olímpia. Como diz Benatti sobre a construção do futuro parque aquático

O meu plano era trazer indústrias para Olímpia. Depois de batalhar muito com a FIESP, etc., eu visualizava a possibilidade de tornar Olímpia uma cidade industrial, com umas dez empresas de grande porte interessadas em vir para cá, para a região, principalmente na área de látex, produtos da seringueira, mas aí, na ocasião, naquela época, o pessoal não gostava muito de indústria porque poluía, aquela coisa toda e a situação da agricultura estava muito boa, não tinha ainda o problema da cana, a monocultura e deram contra. Então eu resolvi fazer um empreendimento sem a chaminé, que seria o parque aquático. Então começamos a batalhar em cima dessa ideia e formei uma equipe com uma série de companheiros. O pessoal de Olímpia acreditou, me apoiou e nós conseguimos chegar onde estamos (Ribeiro, 2012, p.27).

Ao combinar inovação, espírito empreendedor e intervenção do Estado, que nesse caso, no momento de implantação do Thermas estava mais intimamente ligada à esfera pública municipal, foram delineados um modesto plano para atender as necessidades locais em matéria de lazer e entretenimento. Oriundos de capitais locais, a estratégia encontrada para financiar o projeto elaborado pelo arquiteto Jorge Noronha se deu com a venda de cerca de 4.063 títulos de sócios patrimoniais, ao passo que a prefeitura disponibilizaria máquinas, equipamentos e mão-de-obra para a construção (Ribeiro, 2012).

Aliás, é bom lembrar que desde o momento da fundação e implantação do projeto, quando surgiam adversidades financeiras mediante o andamento das obras, Benatti chegou a colocar, segundo Marangoni (2003, p.216), “dinheiro do seu próprio bolso”, mas que em outros termos, poderiam ser traduzidos, nas inversões promovidas pela Condumax – Fios e Cabos Elétricos (antiga Ciafundí), sobretudo no que diz respeito das técnicas e práticas de produção herdadas dos tempos das substituições de importações, como se vê na construção local dos brinquedos em grande parte com equipamentos nacionais (Ribeiro, 2012).

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Com efeito, é no final da primeira década dos anos 2000 que o Clube Thermas dos Laranjais se voltou para fora, isto é, buscou-se uma estratégia de médio longo prazo atrair, como mercado de “destino” o interesse do público estadual em busca de entretenimento e lazer através do turismo. Em 2004, ao passar de Clube Social para categoria de Parque Aquático, o Thermas passou não só a atender as demandas locais de sócios e munícipes, como atrair em um raio de 200 km turistas que se deslocavam nos feriados e finais de semana para desfrutar das águas termais.

Todavia, durante esse período, as duas gestões de governo do município dirigidas pelo médico Luiz Fernando Carneiro (2001-2008) não lograram um maior aprofundamento da intersecção Estado/iniciativa privada, como forma de atrair capitais de fora possibilitando o desenvolvimento do setor de turismo. Mas, é possível dizer que o setor industrial olimpiense manteve-se de modo inverso ao ritmo de desaceleração industrial do Estado de São Paulo em matéria de participação total do valor adicionado, cujas agroindústrias desempenharam um papel importante, ao lado de outras empresas do ramo de fabricação de equipamentos elétricos, de máquinas e equipamentos agrícolas, química e fertilizantes, têxtil, alimentos, entre outros.

Ao que tudo indica, é possível extrair algumas conclusões estruturais e conjunturais anteriores à crise mundial de 2008, bem como a mudança de rota do desenvolvimento econômico e social olimpiense que passou a se pautar pelo estabelecimento do setor turístico como “locomotiva” da estratégia do governo municipal.

É evidente que há um prévio esboço significativo nas mudanças das funções urbanas da cidade durante esse período, como se observa no crescimento do setor de serviços de alojamento e hospedagem que posteriormente serão as bases de sustentação do turismo na promoção de empregos e criação de novos estabelecimentos. Entretanto, é preciso reter aqui, que, distante das leituras “apressadas” da realidade concreta, há certo

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

equivoco em atribuir, ainda no último quartel do século XX, que a cidade fosse sustentada pelas rendas diferenciais da terra, isto é, voltada exclusivamente para a agricultura.

Se observarmos o período que se estende entre 1985 e 2000, há um duplo movimento entre a conjuntura nacional e regional que deve ser relativizado, pois não basta observar a manutenção de empregos formais deslocados inter-setorialmente, ou mesmo o seu crescimento em valores absolutos dos empregos e estabelecimentos em determinados subsetores. Como demonstram os dados, a taxa de crescimento médio foi de 2,6% na geração de empregos formais, e 7,21% na criação de novos estabelecimentos, mantendo-se acima da média do Estado de São Paulo (1,1%), da região administrativa de Barretos (1,19%), ou até mesmo a média nacional (1,67%).

No entanto, esse crescimento está intimamente ligado ao fato de que, no plano nacional, não houve a transição à 4ª Dualidade, o que colocaria por definitivo a burguesia industrial no comando da Nação brasileira ao lado dos empresários rurais capitalistas como sócio-menor do novo pacto, mas sim, a permanência no poder do bloco neoliberal contrarrevolucionário dos governos de Collor e FHC, comandado pelo “latifúndio feudal (Norte e Nordeste), com poder político”, embora estrangulado “economicamente”, ao lado do “capital financeiro norte-americano” (MAMIGONIAN, 2021, p.408).

Aliás, é justamente esses empresários rurais capitalistas locais - altamente dinâmicos e oriundos da pequena produção mercantil - que durante esse período se beneficiaram do pacto nacional, na medida em que expandiram a citricultura no município e na região, atraindo como força de trabalho os chamados “boias-frias”, sobretudo do Nordeste, durante as safras da laranja. É daí o resultado do aumento substancial de 35,33% da mão-de-obra na agricultura entre 1985-1995, e 47,61% na abertura de novos estabelecimentos agrícolas no mesmo período, sendo que só a Cooperativa Citrovale ampliou de 12 para 25 unidades extratoras de sucos cítricos (Sampaio, 2003), motivo pelo qual após sua expansão e, devido à concentração e centralização de capitais através do

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

movimento de fusões e aquisições, acabou sendo adquirida pelo capital nacional do grupo Cutrale, que logo acabou encerrando as atividades processadoras no município.

No entanto, o processo de oligopolização e perda de conteúdo nacional no caso do setor sucroalcooleiro foi mais agressivo se comparado com o complexo citrícola que ainda hoje permanece majoritariamente “nas mãos” da família Cutrale. Pois, com a venda do Grupo Guarani em 2001 - da qual a Usina Cruz Alta (Olímpia) fazia parte - para o segundo maior produtor de açúcar no mundo e no Brasil, o conglomerado francês Tereos, grande parte da riqueza que estava mobilizada nas mãos de grupos nacionais como o Humus, da família Marchesi, Maubisa da família Biagi, entre outros, passou a ser drenada para a França.

Com efeito, no caso da citricultura, mesmo com os fatores adversos que levaram ao bloqueio das iniciativas industriais com a criação e fechamento da Citrovale e, ulteriormente a substituição de grandes pomares de laranja pela cultura da cana-de-açúcar nos indica, a perda de velocidade no ritmo da produção citrícola no município foi capaz de gerar e alavancar a criação de um novo setor agroindustrial altamente dinâmico, como é o caso dos fertilizantes agrícolas elaborados pela empresa Kimberlit. É interessante observar que essa empresa fundada em 1989, no município de Batatais, foi adquirida em 1994 por um comerciante olimpiense que atuava no segmento de defensivos agrícolas e, que, logo com a transferência da planta para o distrito industrial de Olímpia em 1998, acabou se consolidando como uma das empresas mais dinâmicas do setor agroquímico regional e nacional, voltados para a produção e transformação de minerais em fertilizantes como o cloreto de zinco, magnésio, sulfeto, etc.

De certo modo, a origem e o desenvolvimento histórico da Kimberlit se aproximam da experiência exitosa de Benito Benatti no setor metalúrgico e elétrico olimpiense em décadas anteriores, quando a pequena produção mercantil urbano-artesanal, de típico capital comercial local, se transforma em capital industrial demonstrando sua força e dinamismo na medida em que atinge níveis de inserção no mercado regional e nacional. É

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

que até 1994, a Kimberlit havia sido uma empresa familiar de apenas quatro funcionários, possuindo um moinho para a produção de apenas um fertilizante foliar voltado para a citricultura, bem como atendendo um mercado restrito de produtores próximos a região de Batatais, Bebedouro, Pirangi e Araraquara, no interior do Estado de São Paulo.

Porém, com a transferência da empresa para o município de Olímpia, e a ampliação de 150m² de área construída para 1500m² entre o ano de 1998-1999, houve a introdução de novos equipamentos como reatores, prensas, filtros e misturadores, que proporcionou não só a formulação dos fertilizantes foliares, como também a produção da própria matéria-prima (ácidos clorídricos e sulfúricos).

A rigor, a constante renovação em matéria de P&D favorecida pelo investimento em capacitação de técnicos especializados voltados para o desenvolvimento de novas tecnologias (fertilizantes inteligentes) acabou por dar origem a criação da Loyder, uma empresa do grupo voltada a atuar em conjunto com a Kimberlit e ampliar a competitividade diante das grandes companhias produtoras de fertilizantes (Microquímica, Produquímica, Stoller, etc.), produzindo assim, produtos mais sofisticados com alto padrão de sustentabilidade e com menores riscos de impactos ambientais.

4 Considerações finais

Em resumo, os resultados do crescimento dessa empresa, bem como seus “efeitos multiplicativos” no desenvolvimento regional olimpiense, podem ser percebidos na medida em que surge no ano de 2019 o grupo ESSERE, uma holding criada verticalmente para abarcar não só a Kimberlit e a Loyder, mas também as duas novas empresas que foram desenvolvidas para atuarem no mesmo segmento. É o caso, por exemplo, da Bionat, no ramo laboratorial produzindo soluções biológicas para o agronegócio, e também a Floema, que emergiu como condição de conduzir a logística interna, com sua frota de caminhões para o transporte de seus produtos.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Ao fim e ao cabo, o que se pode extrair desses exemplos e de inúmeros outros casos que se multiplicam pelo município de Olímpia em diversos setores industriais, tanto por iniciativas locais, ou mesmo regionais, que acabaram atraídas, ora por incentivos fiscais, ora por localização privilegiada, etc., é o papel agressivo que desempenha o empresariado do Oeste Paulista. Este, mesmo diante de inúmeras adversidades em matéria de políticas econômicas nacionais, como já foi assinalado, conseguiu, pelas vias da acumulação primitiva, levar às últimas consequências o dinamismo industrial, como se procurou demonstrar.

Referências

AB'SABER, A. N. *A terra paulista*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.23, p.5-38, jul. de 1956.

AB'SABER, A. N. *Os baixos chapadões do Oeste Paulista*. São Paulo, Instituto de Geografia, Geomorfologia, 1969.

BOECHAT, C. A. *Região do colonato: mobilização do trabalho e autonomização do capital na área de Olímpia (1857-1964) do Oeste Paulista*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, FFLCH-USP, 2009.

BINI, D. L. de C. *Breve histórico da atividade canavieira na Região de Araçatuba*. IEA, Análises e Indicadores do Agronegócio, v.4, n.6 jun. de 2009.

CASTRO, A. B. de; SOUZA, F. E. P. de. *A economia brasileira em marcha forçada*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CHOLLEY, A. *Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos*. In: Boletim Geográfico. n.179 (1ª parte, p.139-145), n.180 (2ª parte, p.267-276). Rio de Janeiro: IBGE, 1964, p.139-145 e 267-276.

DEFFONTAINES, P. *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo – Primeiro Esboço de divisão Regional*, Rio de Janeiro: Boletim Geográfico, ano II, março de 1945a, n.24/ Boletim Geográfico, ano III, abril de 1945, n.25; 2.

EMERIQUE, L. P. *Dos engenhos de açúcar a indústria automobilística: o desenvolvimento e as transformações no município de Piracicaba – SP*. (Tese de Doutorado) FFLCH-USP, Departamento de Geografia, São Paulo, 2014.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

FRESCA, T. M. *A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista*. (Dissertação de Mestrado) UFSC, Departamento de Geociências, 1990.

GOMES, M. T. S. *O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. (Tese de Doutorado). FFLCH – Departamento de Geografia, USP, 2007.

GOULART, E. P. de A. *A cidade de Olímpia*. Boletim Paulista de Geografia, n.9, out. de 1951.

HOLLOWAY, T. H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo – 1886-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

MAMIGONIAN, A. *O enigma brasileiro atual: Lula será devorado?*. In: Brasil e Mundo no início do século XXI: geografia, história e economia. MAMIGONIAN, A.... [et al.] (Orgs.) 1ª Ed. Florianópolis, SC: UFSC, 2021.

MAMIGONIAN, A. *O processo de industrialização em São Paulo*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.50, p.83-102, mar. de 1976.

MARANGONI, J. M. de J. (Org.) *Olímpia, cidade Menina-Moça: 1963-2003*. Olímpia: Centrograf, 20023. V.3

MARANGONI, J. M. de J. (Org.) *Olímpia, cidade Menina-Moça: 1941-1965*. Olímpia: Centrograf, 2002. V.2

MARANGONI, J. M. de J. (Org.) *Olímpia, cidade Menina-Moça: 1857-1941*. Olímpia: Centrograf, 2001. V.1

MELLO, J. M. C. de. *O capitalismo tardio: contribuição a revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec e Polis, 1984.

MONBEIG, P. *As estruturas agrárias da faixa pioneira paulista*. In: Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, v.11, n.116, 1953. p.455-465.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

MONTEIRO, C. A. de F. *Geomorfologia*. In: Geografia do Brasil: Grande Região Sul. Tomo I. CATALDO, D. M. (org.). Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

MORI, G. (org.). *Revista Agrícola de Olympia*. n.1. Typografia América, Olímpia, março-abril de 1925.

MOURÃO, P. F. C. *Reestruturação Produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a região de Marília*. (Tese de Doutorado). FFLCH-USP, Departamento de Geografia, 2002.

MÜLLER, N. L. *Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo*. Boletim 132, Geografia n.7, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo, 1951.

RANGEL, I. M. *História da dualidade brasileira*. Revista de Economia Política, v.1, n.4, out./dez. 1981.

RIBEIRO, I. A. *Da poeira e da lama a paraíso da águas: a história do Thermas dos Laranjais*. Olímpia: Focus histórico produções, 2012.

ROCHEFORT, M. *Entrevista*. Presidente Prudente, Formação, v.2, n.15, p.5-12, 2008.

SAMPAIO, F. S. *Made in Brazil: dinâmica sócio-espacial da indústria citrícola paulista*. (Tese de Doutorado). São Paulo, FFLCH-USP, 2003.

SCHIAVON, T. «Le Chemin de Fer Noroeste do Brasil et les paysages industriels de l'Ouest de l'État de São Paulo, comme patrimoine de la Mobilité au Brésil. » Dissertation (Master en gestion et valorisation du patrimoine industriel) - Master TPTI, Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, Paris, France; Università Degli Studi di Padova, Padova, Italie; Universidade de Évora, Évora, Portugal. 2015.

SILVA, W. S. *O processo de industrialização paulista: os casos de Botucatu, Avaré e Ourinhos*. (Dissertação de Mestrado) FFLCH-USP, Departamento de Geografia, 2015.

TAVARES, M. C. *Acumulação de Capital e industrialização no Brasil*. 3º Ed. Campinas, SP: Unicamp, IE, 1998. (30 anos de Economia – UNICAMP, 6).

WAIBEL, L. *As zonas pioneiras no Brasil*. In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.17, n.4, 1955, p.389-422.